

Dossier: *Differences, identities, and displacements in contemporary times: interdisciplinary perspectives (II)*

Dossier: *Diferencias, identidades y desplazamientos en la contemporaneidad: perspectivas interdisciplinarias (II)*

A pluralidade do mundo contemporâneo convoca a uma reflexão constante sobre os modos de existência, de afeto e de conflito. Se, na primeira parte deste dossiê, publicado no último número da Revista NUPEM de 2025, enfatizamos que identidades e diferenças são travessias em movimento, nesta segunda edição, ampliamos esse horizonte ao mergulhar em pesquisas que evidenciam como corpos, discursos, territórios e subjetividades seguem sendo produzidos, disputados e reinscritos em meio a contextos violentos, desiguais e, também, inventivos. A vitalidade da interdisciplinaridade revela-se, novamente, como ferramenta epistemológica e política. Por certo, a interdisciplinaridade emerge como uma das respostas mais potentes às complexidades do nosso tempo; em um mundo marcado por genocídios, violências e crises entrelaçadas – sociais, ambientais, epistêmicas, políticas – nenhuma área do conhecimento, isoladamente, consegue abarcar a multiplicidade de vozes, experiências e contradições que atravessam a vida contemporânea.

Os textos aqui reunidos situam-se em zonas de tensão onde a vida social se mostra mais exposta: a infância negra e a necropolítica; os contrafluxos estético-políticos de uma parlamentar travesti negra; o protagonismo artístico e cultural de migrantes em projetos humanitários; as disputas curriculares sobre alimentação e saúde; a performatividade e a abjeção do corpo feminino em narrativas gráficas; as capturas e as resistências das identidades sob o Estado-nação; os desafios da inclusão educacional entre comunidades transumantes em Angola; a presença (ainda insuficiente) da educação antirracista na Educação Infantil; as interseccionalidades das pessoas LGBTQIA+ indígenas; as pedagogias discursivas que atravessam corpos gays (ou homossexuais, como diz o texto) nas redes sociais; a reinvenção das masculinidades nordestinas; os diálogos entre ciência, misticismo e cinema; os saberes da cultura popular como arquivo vivo; as hierarquias silenciosas que dissociam ciência e docência; e, por fim, o Acordo de Escazú como instrumento de combate ao racismo ambiental contra comunidades quilombolas.

Essas pesquisas revelam, cada uma à sua maneira, como identidades são constituídas por meio de operações simbólicas, normativas, estéticas, jurídicas e afetivas, operações que tanto restringem quanto possibilitam formas de existir. Refletem, igualmente, a potência de pensar diferenças como caminhos de criação e não como fronteiras de exclusão.

O conjunto dos artigos mostra que racialização, gênero, sexualidade, território, ciência, representação e ancestralidade são dimensões indissociáveis de um mesmo campo de disputa. Ao analisar discursos midiáticos sobre a infância negra, a construção política do corpo travesti, as

pedagogias do Twitter, as performatividades de Sandman, os agenciamentos de pessoas LGBTQIA+ indígenas, ou as tensões entre ciência e docência, as autoras e os autores apontam para a urgência de compreendermos as identidades como processos relacionais atravessados por racionalidades e práticas coloniais persistentes, que operam nos corpos e nas instituições.

Ao mesmo tempo, emergem formas de resistência e criação: práticas artístico-culturais em projetos com pessoas migrantes, reinvenções de masculinidades nordestinas, a abertura de mundos pelo carimbó, ou a pedagogia política inscrita nas lutas quilombolas pelo direito ambiental. Em todas essas experiências, diferença e deslocamento deixam de ser categorias apenas analíticas e tornam-se, sobretudo, práticas de existir e de imaginar.

Ao organizar este dossiê, reafirmamos o compromisso de reunir trabalhos que não apenas descrevem realidades, mas que as interrogam, tensionam e transformam. Reconhecemos que, no entrelaçamento de perspectivas feministas, queer, anticoloniais, fenomenológicas, pós-estruturalistas e críticas, reside a força de uma produção acadêmica que se recusa a naturalizar hierarquias e silenciamentos.

Que a leitura destes textos incite perguntas, gere movimentos e estimule o exercício sempre necessários de repensar fronteiras, identidades, diferenças e múltiplas formas de coexistência.

Paulo Daniel Elias Farah
Universidade de São Paulo (USP)

Samilo Takara
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Ricardo Desidério
Universidade Estadual do Paraná (Unespar)